

Veículo: O Liberal		
Data: 16/01/2017	Caderno: Magazine	Página: 06
Assunto: Fala		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

A fala de Belém tem múltiplas origens

HERANÇA

O "chiado" e o uso do tu, típicos da capital, vêm de várias partes do mundo

VALÉRIA NASCIMENTO
Da Redação

O uso do tu e o "chiado" são heranças de Portugal; a nasalidade, vem dos índios; o ritmo melódico, da África. O falar belenense tem influências de línguas nativas e do português da região dos Açores, destacando-se por manter características consideradas conservadoras pelos linguistas, e que na prática, não se vê em outras regiões brasileiras, como exemplo, a utilização do pronome tu, na segunda pessoa, com flexão verbal, ou seja, no padrão da língua culta.

De acordo com o linguista do Museu Goeldi, Hein van der Voort, no tempo da fundação de Belém, eram faladas várias línguas indígenas na região. "Durante a época colonial em diante, estas línguas foram extintas e a língua falada pela população aqui e outras partes da Amazônia foi a Língua Geral Amazônica, também conhecido como Nheengatu, que é uma língua da família tupi-guarani. O português foi falado somente por uma minoria elite da população, da classe administrativa", esclarece Hein.

Doutora em Linguística pela Universidade Aix-en-Provence, no sul da França, Regina Cruz, ministra disciplinas na graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA), no campo da sociolinguística e fonética. Ela afirma que o português que aqui chegou, num primeiro momento ao Estado do Grão-Pará e Maranhão, foi o de influência açoriana.

"Há vários registros de motivação do reino português incentivando os açorianos a virem. Eles se concentraram nos extremos Norte e Sul do Brasil. Atualmente, a gente está fazendo estudos linguísticos, comparando os dialetos açorianos com as falas de Belém e Florianópolis, que historicamente receberam grandes concentrações de açorianos e coincidentemente há muitas características linguísticas, o uso do tu, na segunda pessoa, é só uma delas", observa a doutora Regina Cruz, pesquisadora desde 1992 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ela chama a atenção ainda para a dinâmica da linguagem oral. "Quando a gente observa o uso do tu, a segunda pessoa (do singular), ele está desaparecendo no português. O vós já é um pronome morto na língua falada, ninguém mais usa, exceto em situações extrema-

mente formais e documentos escritos. O tu está perdendo terreno para o você, só é falado em Portugal e no Brasil. E aqui, em nosso País, nos extremos Norte e Sul, particularmente, nas capitais Belém, Florianópolis e Porto Alegre", enfatiza a pesquisadora.

A Língua Geral Amazônica, também conhecida como Nheengatu, uma espécie de mistura entre o português arcaico e a língua indígena, foi extinta e hoje só é falada na Venezuela e no município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. "Nós tínhamos uma situação de contato interdialeto no Brasil. Ou seja, falavam-se 1.200 línguas indígenas, isso foi registrado por Aryon Rodrigues, hoje são cerca de 120 línguas indígenas faladas. Você tinha os africanos que vieram na condição de escravos, falantes de línguas distintas", frisa a doutora da UFPA.



Regina Cruz investiga influência açoriana no Pará

A nasalidade na fala paraense tem influência dos indígenas

Mesmo o Brasil tendo a língua portuguesa como oficial, não se pode falar em unidade cultural, em razão das enormes diferenças históricas, sociais e culturais encontradas. Essas diferenças influem diretamente na oralidade, que pode apresentar variações significativas de um Estado para outro. A pesquisadora enfatiza, por exemplo, que assim como o Tupinambá deixou interferências, os africanos na condição de escravos, eram falantes de dialetos diversos, com predominância do banto e do ioruba, essa última uma fala clássica concentrada mais na Bahia com amplo uso no candomblé.

Sobre a herança africana, é difícil identificar, pois que os sistemas das línguas banto e do português eram parecidos. "A linguista Ieda Castro conclui, primeiro, e eu acho muito pertinente, que as duas falas têm muitas similaridades; e segundo, que se misturou muito, então, às vezes, há expressões que a gente acha que é africana e não é, e vice-versa. Por exemplo, a palavra carinho é um termo de origem africana. A musicalidade, a melodia, o ritmo melódico diferente vem das línguas africanas e indígenas, coisa que o português de Portugal não tem", comentou a doutora da UFPA.

Outra característica da forte influência açoriana é que tanto Belém como Florianópolis têm o que tecnicamente

chama-se de palatalização, que os leigos chamam de "chiado". "No plural de casa, e tantas outras, a gente chia no final da pronúncia, a isso se chama de palatalização", explica Regina Cruz.

O projeto Atlas Linguístico do Brasil (criado por diversos pesquisadores da língua portuguesa para o estudo dos falares encontrados no território nacional, com participação de pesquisadores da UFPA), mostra que Belém tem uma das mais fortes palatalizações do País.

"A gente pensava que esse chiado era uma inovação da língua falada, algo que surgiu, não é. Na verdade, ele é vinculado à uma parte muito conservadora do português, que no Brasil ganha força com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro em 1808. Antes disso, o português não era a língua dominante, o que se falava aqui era a Língua Geral. Uma Língua Geral Amazônica no Norte; no Sul/Sudeste, a Língua Geral Paulista, ambas derivadas do Tupinambá", ensina Regina Cruz.

"Estudando narrativas em Abaetetuba (Baixo Tocantins), por exemplo, buscando marcas de expressividade, eu vi uma marca que é você intensificar uma informação, evidenciar com repetição, a exemplo de "era uma menina que luxava, luxava, luxava". Ou então, se a pessoa quer dizer que a caminhada foi cansativa, diz:

"eu andei, andei, andei, andei". E a gente, de Belém, fala assim. Um jesuíta que conviveu em Soure (Marajó) e escreveu uma gramática, registrou à época, que essa construção (repetição de uma palavra) presente no Tupinambá já contaminava o português, e no futuro, disse ele "ela vai ficar cristalizada no português", ele falava justamente dessa repetição. E a gente não se dá conta que a gente guarda como herança", declarou a doutora Regina Cruz.

"Uma grande marca indígena é a nasalidade, que é forte em nossa fala. A gente nasaliza banana, já em panela, não; essa é uma marca Tupinambá. Em sua gramática, José Anchieta registrou isso, e chegou a dizer o seguinte: "a nasalidade é tão forte nesse povo que quando eles falam parece que há til em todas as letras", e nós também guardamos essa forte nasalidade que vem direta do Tupinambá.

Com relação à altura da vogal, o belenense usa naturalmente as três formas: aberta, fechada e a nasal, dependendo do termo, enquanto o nordestino usa exclusivamente a aberta e os sulistas, a fechada. "O português do Pará tem uma diversidade grande. A gente não fala como os nordestinos, em razão da nossa história de formação, nem podemos nos comparar com o Sul, nossa sonoridade é totalmente outra", concluiu Regina Cruz.